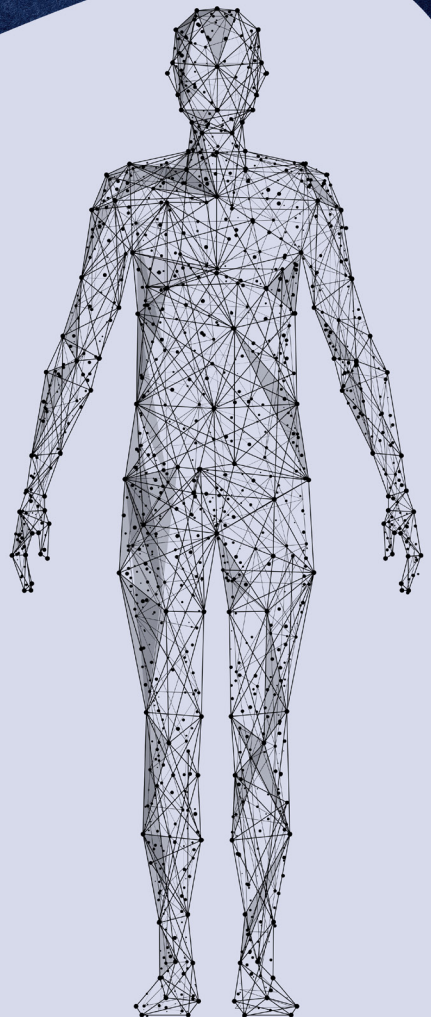


# AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL 3

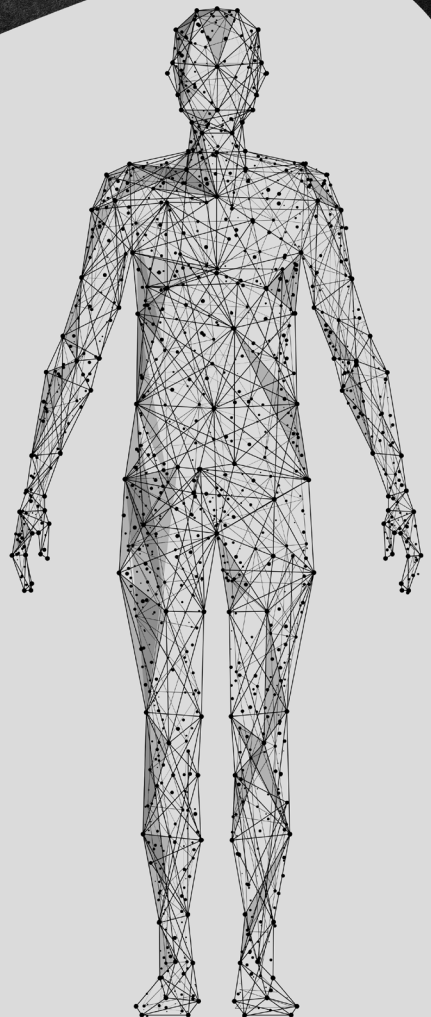
GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA  
(ORGANIZADOR)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL 3

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA  
(ORGANIZADOR)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaió – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## As ciências humanas como protagonistas no mundo atual 3

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 As ciências humanas como protagonistas no mundo atual 3  
/ Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. –  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-053-4

DOI 10.22533/at.ed.534211105

1. Ciências humanas. I. Ferreira, Gustavo Henrique  
Cepolini (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## **APRESENTAÇÃO**

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “As Ciências Humanas como Protagonistas no Mundo Atual 3” cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de quinze capítulos de professores, técnicos e pesquisadores oriundos de diferentes instituições.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento da Educação Básica no país em consonância com a formação de professores entre outras pesquisas que fomentem o desenvolvimento do país. Por isso, reitera-se a oportunidade em debater o papel das Ciências Humanas e seu protagonismo no mundo atual a partir de uma visão crítica, comprometida e propositiva para derrubar muros, cercas e fronteiras.

No decorrer dos capítulos as autoras e os autores apresentam importantes leituras a partir das ciências humanas e sociais e suas nuances interdisciplinares. Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Editora Atena propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão das ciências humanas para compreensão e transformação do mundo atual, e, sobretudo, estabelecendo diálogos e pontes para um novo presente-futuro.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL: AVANÇOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS**

Cássio Giovanni

Juma Amanda Ferreira Santos

Yuly Marcela Giraldo Atehortua

Paula Dorothea Melcop

**DOI 10.22533/at.ed.5342111051**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

**GESTÃO DEMOCRÁTICA DA EDUCAÇÃO: A DIFÍCIL CONSTRUÇÃO EM TEMPOS DE CRISE**

Raimundo Sousa

Terezinha F. A. M. dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.5342111052**

### **CAPÍTULO 3..... 18**

**CONSCIÊNCIA E EDUCAÇÃO INTEGRAL TRANSDISCIPLINAR NO MOVIMENTO CONTEMPORÂNEO DO CONSCIENCIALISMO**

Maribel Oliveira Barreto

Juliana Andrade Costa

**DOI 10.22533/at.ed.5342111053**

### **CAPÍTULO 4..... 31**

**INTEGRAÇÃO ENTRE ENSINO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS: A FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS NO CONTEXTO TRANSDISCIPLINAR**

Luciana de Lima

Robson Carlos Loureiro

**DOI 10.22533/at.ed.5342111054**

### **CAPÍTULO 5..... 43**

**PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Leoclécio Dobrovoski Silva Pereira

Maria José Pirete

**DOI 10.22533/at.ed.5342111055**

### **CAPÍTULO 6..... 56**

**CURRÍCULO MENOR EM CIÊNCIAS: INCURSÕES PELO PENSAMENTO DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI**

Edilena Maria Corrêa

**DOI 10.22533/at.ed.5342111056**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
DO VALOR/ALUNO/ANO AO CUSTO-ALUNO-QUALIDADE (CAC) E CUSTO-QUALIDADE- INICIAL: O CONTROLE SOCIAL NA CONSOLIDAÇÃO DOS FUNDOS CONSTITUCIONAIS COMO POLÍTICA DE ESTADO (1998-2021)	
Wellington Ferreira de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5342111057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
RETOS PARA UNA EDUCACIÓN INTERCULTURAL. PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS HACIA LA DIVERSIDAD CULTURAL PRESENTE EN EL DISCURSO DOCENTE DE ESCUELAS MULTICULTURALES DE SANTIAGO DE CHILE	
Tricia Mardones Nichi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5342111058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
O SENTIDO DO BRINCAR E DO JOGAR NA INFÂNCIA HUMANA COMO FUNDAMENTOS À CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA SOCIAL	
Carmem Lucia Albrecht da Silveira	
Munir José Lauer	
Rosimar Serena Siqueira Esquinsani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5342111059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
PAIS, FILHOS E A PANDEMIA DA COVID-19: NOVOS DESAFIOS MEDIADOS PELAS TIC	
Márcia Stengel	
Vanina Costa Dias	
Simone Pereira da Costa Dourado	
Liliam Pacheco Pinto de Paula	
Samara Souza Diniz Soares	
Phamela Aryane Sudré Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53421110510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
INOVAÇÕES DIDÁTICAS NA ENFERMAGEM: RECURSOS MULTIMÍDIA COMO TECNOLOGIA EDUCACIONAL	
Gabriel Arruda de Souza Fernandes	
Telma Marques da Siva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53421110511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>129</b>
LA PRISIÓN: UN CAMPO DE REPRODUCCIÓN DE SUJETOS	
Alejandra González Herrera	
Adriana Obando Aguirre	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53421110512</b>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>146</b>
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS: FERRAMENTA DE COMBATE À CRISE DO COVID-19 E MECANISMO DE EXPANSÃO DA CIDADANIA	
Luciano Crotti Peixoto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53421110513</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>157</b>
CONSULTORIA EMPRESARIAL ATRAVÉS DE PROJETO INTERDISCIPLINAR EM EMPRESAS DO VESTUÁRIO DO RECIFE (PE)	
Paava de Barros de Alencar Carvalho Filgueira	
Danielle Silva Simões-Borgiani	
Dario Brito Rocha Júnior	
Karina Carla de Araujo Fernandes	
Anete Sales da Paz Ramos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53421110514</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>171</b>
O SISTEMA DE INFORMAÇÃO CONTÁBIL COM SUPORTE AO PROCESSO DECISÓRIO NA STARTUP	
Wilson Lourenço de Oliveira	
Simone Flávia de Sousa Oliveira	
Napoleão Verardi Galegale	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53421110515</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>187</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>188</b>

# CAPÍTULO 10

## PAIS, FILHOS E A PANDEMIA DA COVID-19: NOVOS DESAFIOS MEDIADOS PELAS TIC

Data de aceite: 01/05/2021

Data da submissão: 08/03/2021

### Márcia Stengel

Doutora em Ciências Sociais pela UERJ  
Professora da Graduação e do Programa de  
Pós-graduação de Psicologia da Pontifícia  
Universidade Católica de Minas, Belo  
Horizonte – MG  
<http://lattes.cnpq.br/0740456649727715>  
<https://orcid.org/0000-0002-9211-9433>

### Vanina Costa Dias

Doutora em Psicologia pela PUC Minas.  
Professora e coordenadora do curso de  
Psicologia da Faculdade Ciências da Vida  
Sete Lagoas – MG  
<http://lattes.cnpq.br/1263361637320836>  
<https://orcid.org/0000-0001-7310-1740>

### Simone Pereira da Costa Dourado

Doutora em Ciências Sociais pela UERJ,  
Professora associada do Departamento de  
Ciências Sociais, da Universidade Estadual de  
Maringá. Maringá, PA  
<http://lattes.cnpq.br/1995978265681165>  
<https://orcid.org/0000-0001-5140-5866>

### Lilium Pacheco Pinto de Paula

Doutora em Psicologia pela PUC Minas, Belo  
Horizonte – MG  
<http://lattes.cnpq.br/5644692476054248>  
<https://orcid.org/0000-0003-2780-9611>

### Samara Souza Diniz Soares

Mestre em Psicologia pela PUC Minas  
<http://lattes.cnpq.br/5278003146060185>  
<https://orcid.org/0000-0002-3318-063X>

### Phamela Aryane Sudré Aguiar

Mestranda em Psicologia pela PUC Minas Belo  
Horizonte – MG  
<http://lattes.cnpq.br/7791952326811669> ORCID  
<https://orcid.org/0000-0002-6128-4823>

**RESUMO:** O uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) por pais e filhos se intensificou na pandemia da COVID-19, ocasionando novos e maiores desafios no cotidiano e nas relações parento-filiais. Como os pais têm lidado com o uso que os filhos fazem das TIC, especialmente a internet, o tipo de mediação que fazem, como os orientam e que tipo de controle exercem é o objetivo deste artigo. Autores das Ciências Humanas e Sociais e resultados de uma pesquisa foram utilizados como suporte teórico e empírico. A mediação parental para uso das TIC é um campo em construção no interior das famílias. Ainda não existe um modo certo e único para realizá-la. Os papéis sociais definidos para pais e filhos são relativizados quando o assunto é o uso das tecnologias digitais. Há necessidade de realizar mais pesquisas, pois é um campo que ainda gera mais perguntas do que respostas.

**PALAVRAS - CHAVE:** pais; tecnologias da informação e comunicação; família; mediação; COVID-19.

### PARENTS, CHILDREN AND THE PANDEMIC OF COVID-19: NEW CHALLENGES MEDIATED BY ICT

**ABSTRACT:** The use of information and communication technologies (ICT) by parents

and children intensified in the pandemic of COVID-19, causing new and greater challenges in daily life and in parent-subsidiary relationships. As parents have dealt with their children's use of ICT, especially the internet, the type of mediation they do, how they guide them and what type of control they exercise is the objective of this article. Human and Social Sciences authors and research results were used as theoretical and empirical support. Parental mediation for the use of ICT is a field under construction within families. There is still no right and only way to do it. The social roles defined for parents and children are relativized when it comes to the use of digital technologies. There is a need to conduct more research, as it is a field that still generates more questions than answers.

**KEYWORDS:** Parents; information and communication technologies; family; mediation; COVID-19.

## 1 | INTRODUÇÃO

O uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) está espalhado em nosso cotidiano, atingindo pessoas de todas as faixas etárias, ainda que não igualmente, pois há diferenças de classe social, gênero, local de residência (zonas urbanas e zonas rurais) e até mesmo etárias. Entretanto, é inegável a inserção que as tecnologias têm em nossas vidas, definindo, muitas vezes, posições e relações sociais. Elas proporcionam múltiplas experiências e trazem consigo uma nova dimensão de mundo, alterando as relações interpessoais e interferindo diretamente na vida cotidiana das pessoas. Dentre os novos espaços de vivências e relacionamentos que a virtualidade promoveu, um que tem se mostrado necessário de ser radiografado: as relações entre pais e filhos.

O campo da família tem merecido a atenção de muitos estudiosos e pesquisadores devido às transformações que essa instituição tem passado nas últimas décadas. Assistimos a uma série de mudanças em sua organização, funcionamento e concepção que temos delas (STENGEL, 2011). É impossível falar da família sem articulá-la ao seu contexto sócio-histórico-cultural, pois suas feições “estão intrínseca e dialeticamente condicionadas às transformações societárias contemporâneas, ou seja, às transformações econômicas e sociais, de hábitos e costumes e ao avanço da ciência e da tecnologia” (PNAS, 2004, p. 41). Essas mudanças ocorreram antes do advento da internet, porém, a partir desse fenômeno social e cultural, outras modificações foram e estão acontecendo.

Pesquisas como as de Primo (2016), Spizzirri et al (2012) e Passarelli, Guzzi e Dimantas (2009) apontam que as tecnologias de comunicação e informação, que, até muito recentemente, eram, predominantemente, dominadas pelos adolescentes, atualmente são utilizadas em grande escala também por seus pais, mesmo que de forma diferente. Essa realidade tem promovido significativas alterações nas relações entre os filhos e seus pais e em toda a dinâmica familiar. Tais mudanças fazem da família um espaço privilegiado para a observação das relações intergeracionais relacionadas aos usos das TIC.

A virtualidade tem influenciado nas relações geracionais, modificando percepções de conceitos, potencializando saídas co-construídas entre pais e filhos, especialmente no



que diz respeito à mediação parental, mesmo mantendo suas particularidades geracionais, visto que a relação que se estabelece com as novas tecnologias é diferente em cada grupo:

As novas gerações integram rapidamente essas novas tecnologias aos seus hábitos de vida, enquanto as gerações mais velhas se veem desafiadas a decidir se enfrentam os desafios inerentes ao esforço de assimilar essas novidades ou se descartam a hipótese de possuir alguns artefatos, renunciando aos serviços que podem prestar (PETRINI e CAVALCANTI, 2018, p. 190).

E podemos dizer que, com a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), os relacionamentos familiares com o uso da virtualidade em seu âmbito foram afetados mais uma vez. É o que pretendemos discutir neste artigo pautado em pesquisa realizada com financiamento da FAPEMIG e CNPq, cujo objetivo é compreender como os pais têm lidado com o uso das tecnologias de informação e comunicação, especialmente a internet, por parte dos seus filhos, considerando o tipo de mediação que fazem, como os orientam e que tipo de controle exercem sobre o uso. Realizamos um estudo quanti-qualitativo, de cunho exploratório com a utilização de um questionário enviado através do *Google Forms* para pais/mães com filhos até 18 anos, buscando caracterizar a família, uso das tecnologias pelos pais, uso das tecnologias pelos filhos, e uso das tecnologias durante a pandemia. Procuramos também conhecer sobre a participação das tecnologias na relação parento-filial; atividades sem o uso das tecnologias; aspectos positivos e negativos do uso das tecnologias para a família. O questionário foi distribuído através de amostragem de conveniência (não probabilística) com monitoramento diário, com dinâmica de coleta “bola de neve”. Ficou disponível durante 15 dias e foram respondidos por 174 pais. Para as perguntas fechadas, tomamos como referência os próprios gráficos gerados pelo *Google Forms* para análise dos resultados. Para as perguntas abertas, empregamos a análise categorial (CAREGNATO & MUTTI, 2006), desmembrando as respostas em categorias segundo agrupamentos temáticos a partir de elementos comuns, quais sejam: a mediação parental, os usos e a influência da tecnologia no dia-a-dia dos membros da família e as modificações causadas pela pandemia na potencialização desses aspectos. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas (CAAE 33157420.7.0000.5137). Os respondentes assinaram de forma virtual um termo de consentimento livre e esclarecido antes de responderem ao questionário.

## **2 | POTENCIALIZANDO A MEDIAÇÃO PARENTAL EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

A mediação parental para o uso das TIC pode ser compreendida como uma prática em que os pais, direta ou indiretamente, exercem algum tipo de influência na maneira como os filhos lidam com um meio de comunicação específico através de seus comportamentos, valorizações e verbalizações. Abrange não apenas as restrições, mas também as

estratégias interpretativas e as atividades de monitoramento (CGI, 2019). Ainda pode ser concebida como uma prática que, direta ou indiretamente, influencia a maneira como as pessoas lidam com um meio de comunicação específico. A mediação, no caso da internet, alcança uma enorme complexidade devido a suas particularidades e à multiplicidade de circunstâncias que abarcam seu uso, trazendo grandes desafios. Segundo Ponte (2011), há três formas de mediação percebidas em pesquisas que se interessam por esse assunto:

1) mediação activa: conhecer os conteúdos dos programas e as atividades on-line dos filhos, serem uma referência pelas suas próprias práticas;  
2) mediação restritiva: recorrer ao acesso à televisão ou internet como recompensa ou como castigo, num quadro de interdições;

3) mediação instrutiva: conversar, explicar, exprimir juízos de valor, com atenção ao processamento de emoções, à compreensão da informação e avaliação por parte dos filhos. (PONTE, 2011, p. 32)

Sabemos que os diversos usos da internet influenciam, de forma mais ou menos direta e explícita, as práticas sociais, culturais e individuais dos adolescentes em diferentes situações em seu cotidiano. Concomitante ao uso cada vez maior dessa ferramenta pelos jovens, temos visto a crescente preocupação de pessoas e instituições em conhecer, acompanhar e mediar o que eles fazem no espaço virtual (DIAS, 2016).

Radiografar o tema e as práticas relacionadas ao exercício da mediação parental é também refletir sobre como as famílias criam estratégias para reduzir riscos e potencializar oportunidades de aprendizado para as crianças e os adolescentes da cultura digital. Conhecer as práticas de mediação faz-se necessário, pois estas servem de suporte e orientação para sustentar a intervenção de profissionais nas vicissitudes psicossociais do uso das TIC, bem como para a criação de políticas públicas e ações que amparem pais e filhos nesse processo. A bibliografia evidencia que cabe aos pais maximizar as oportunidades e minimizar os riscos e os possíveis danos ao bem-estar das crianças e dos adolescentes, favorecendo oportunidades *on-line* ligadas à comunicação, à educação e ao lazer e isso só é possível quando o diálogo intergeracional franco e respeitoso está presente para que todos os integrantes da família aprendam e promovam um uso seguro, saudável, crítico e construtivo das tecnologias (CGI, 2019).

A mediação parental é uma prática que comporta muitos desafios, passa por alterações constantes e é muito impactada pelas mudanças sociais, como se pode ver no momento atual com a pandemia da COVID-19 e o consequente distanciamento/isolamento social. Muitas vezes, os diferentes papéis sociais definidos para pais/responsáveis e filhos são relativizados quando o assunto é o uso das tecnologias digitais, particularmente, a internet. Mas, embora crianças e adolescentes possam, de fato, possuir habilidades operacionais mais desenvolvidas do que seus mediadores, muitas das atividades realizadas *on-line* pressupõem uma maturidade que ainda está sendo consolidada por esse público. Assim, a

importância do papel ativo de pais e responsáveis em orientar e acompanhar as práticas de crianças e adolescentes para garantia do bem-estar dessa população no ambiente digital é socialmente reconhecida como importante e esperada. O potencial da mediação para o uso seguro e responsável da internet é inquestionável e deve ser amplamente discutido e sistematizado para que pais/responsáveis e filhos sejam devidamente amparados nessa trajetória, que é complexa e mutável.

Entretanto, quando se fala de mediação parental para uso das TIC, é necessário fazer uma primeira distinção na relação com as tecnologias da informação e comunicação, estabelecida entre nativos e imigrantes digitais (PRENSKY, 2001). Os últimos são as pessoas nascidas antes do advento das TIC, que se viram obrigadas a utilizá-las, geralmente, no campo laboral, e mantêm comportamentos e atitudes que revelam sua relação artificial com as tecnologias. Já os nativos digitais, por terem crescido rodeados pelas TIC, demonstram uma relação de intimidade e gerenciam com habilidade as ferramentas digitais (FERNÁNDEZ & GONZÁLEZ, 2017). Essa distinção não pode ser feita exclusivamente pela data de nascimento, mas há de se considerar a relação que criam com esses recursos tecnológicos, ou seja, se passaram ou não pela adaptação digital, mantendo uma familiaridade com eles. Neste sentido, podemos pensar em uma gradação entre um polo e outro, ou seja, pessoas que por idade seriam imigrantes digitais, mas que estabelecem uma relação de intimidade com as tecnologias, ou supostos nativos, que podem ser analfabetos digitais, assim como nativos e imigrantes mais ou menos familiarizados com as tecnologias. Essa gradação pode ter sido mais acentuada no contexto da pandemia, na medida em que o uso das tecnologias tem sido mais necessário, para atividades laborais, escolares e até mesmo para a sociabilidade, já que as pessoas estão colocadas em situação de isolamento/distanciamento social.

As consequências da utilização da internet têm sido alvo de muitas investigações, como nos revelam Maidel e Vieira (2015), a partir de um levantamento bibliográfico que realizaram. Os autores assinalam que o uso frequente da internet pode desencadear comportamentos de dependência, depressão, ansiedade, estresse, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, risco de obesidade, e comportamentos e pensamentos agressivos. Entretanto, também salientam que esse uso pode facilitar diferentes tipos de aprendizado, melhorar a capacidade de leitura, despertar aptidões para avaliar e usar a informação de forma eficiente, estimular habilidades para o processamento e a seleção de informações, a tomada de decisão, o estabelecimento de estratégias de solução de problemas. Como vemos, as consequências do uso da internet são algo complexo, para o que ainda não temos respostas definitivas. Essas consequências têm sido potencializadas no contexto da pandemia? De que forma?

Construindo cenários analíticos para o uso da internet nesse contexto de avanço da pandemia é possível observar as seguintes situações: 1) o tempo de permanência em condição de isolamento social e eventual realização de trabalho remoto em casa está muito

mais longo do que se previa. Alguns grupos de pais encontram-se nessa condição desde o mês de março de 2020, completando, portanto, quase meio ano nessa nova situação laboral; 2) jovens e adolescentes brasileiros estão há cinco meses inseridos em diferentes modalidades de ensino remoto. O ensino remoto levou para dentro das residências a circulação de nomenclaturas muitas vezes desconhecidas de pais e filhos. Tornaram-se frequentes as referências às plataformas digitais e aos recursos para elaboração de vídeos e o preenchimento de formulários eletrônicos, que passaram a integrar tarefas e avaliações; 3) as atividades de lazer fora de casa foram canceladas ou extremamente reduzidas; 4) as atividades complementares realizadas pelos diferentes grupos geracionais que integram as famílias brasileiras foram alteradas também para modalidade remotas ou suspensas. Filhos e pais ficaram impedidos da prática de alguns esportes, da participação em algumas atividades de cunho religioso; e 5) no caso das famílias em que convivem três diferentes grupos geracionais (filhos, pais e avós), as atividades fora do ambiente doméstico para os que têm 60 e mais anos se tornaram praticamente proibidas. Neste caso específico de famílias que convivem com idosos, o nível de tensão é sempre aumentado com a definição pelas autoridades de saúde de que idosos são, no âmbito familiar, os mais propensos a desenvolver os casos graves da COVID-19, o que exige vigilância de todos e uma enorme responsabilidade dos mais jovens do núcleo familiar. Quando os mais jovens se expõem em atividades fora das residências, que não consideradas essenciais, podem ter que lidar com a culpa de levar o vírus para os seus parentes mais velhos, colocando-os em risco.

Assim, se o uso da internet no âmbito das famílias é algo complexo, como dito acima, ele passou a ser feito de forma generalizada e cotidiana em razão da introdução das atividades de ensino e trabalho remoto. Ficou também mais frequente como instrumento que viabiliza a comunicação dos membros do núcleo familiar com seus parentes que residem em outras casas e mesmo outras cidades e com os amigos. A linguagem que possibilita o contato por vídeo e áudio usando diferentes aplicativos tomou o dia a dia das famílias. Mesmo os momentos de lazer passaram a ser mediados quase que exclusivamente por esses recursos de internet – diferentes componentes das famílias se reúnem para assistir as inúmeras *lives* de artistas e personalidades. O acesso a serviços de operadoras que oferecem filmes e séries é dominado por todos e, muitas vezes, se tornam um programa familiar.

Sabemos que o uso das TIC é uma realidade inevitável, que oferece oportunidades e riscos, exigindo que os pais, de alguma maneira, gerenciem essa atividade de seus filhos. Assim, além de os pais oportunizarem o acesso das crianças às tecnologias, eles também são os responsáveis por gerenciar e educar seus filhos para esse uso, o que compreende a aplicação de regras, restrições e orientações, assim como supervisão e monitoramento. Os pais, muitas vezes, parecem ficar envaidecidos com a facilidade que os filhos apresentam frente aos aparatos tecnológicos, disponibilizando-lhes, cada vez mais cedo, *tablets* e *smartphones*, naturalizando e facilitando o uso de artefatos sofisticados.

Além disso, observamos uma socialização reversa no que tange a relação pais, filhos e a virtualidade. Se tradicionalmente são os pais que introduzem seus filhos nos distintos espaços sociais, no uso das TIC são os filhos que auxiliam os pais, muitas vezes, inclusive, iniciando-os. Por um lado, essa situação reforça o estereótipo de que as crianças e os adolescentes são autossuficientes neste universo e, por outro, com frequência, constroem os pais por se perceberem menos capazes que seus filhos.

Dessa maneira, colocar regras, impor sanções, dar orientações, supervisionar e monitorar os filhos quanto ao uso das tecnologias de comunicação e informação têm sido um dos grandes desafios na educação contemporânea. Por ser uma situação relativamente nova, os pais têm tido dificuldade em lidar com ela, gerando, frequentemente, a sensação de não saberem como exercer uma mediação para o uso que seus filhos fazem das TIC adequada e eficazmente.

Maidel e Vieira (2015) apresentam três tipos de mediação utilizadas pelos pais: a ativa, a restritiva e a de uso acompanhado. A primeira refere-se a “um tipo de mediação na qual há conversa, orientação ou discussão crítica dos pais com a criança sobre o conteúdo ou atividade, sobretudo enquanto ela ainda está utilizando a mídia.” (MAIDEL e VIEIRA, 2015, p. 296). Aqui também estão abarcadas as instruções e informações, além de críticas, desaprovações e acordos com a criança para o uso. Na mediação restritiva também há a prescrição e utilização de regras para o uso, porém sem diálogo ou esclarecimentos com a criança. O terceiro tipo diz respeito à presença dos pais quando do uso pela criança das TIC, deliberada ou casualmente, mas também sem conversa. Na pesquisa realizada pelos autores, os pais, em geral, preferem uma mediação mista, que, segundo eles, pode ser consequente à divisão em que os pais se encontram sobre a melhor forma de mediar, denotando que é um campo em construção no meio familiar. Aqui cabe perguntar: os tipos de mediação sofreram alterações no contexto da pandemia? Como os pais têm lidado com o uso das TIC, especialmente a internet, por parte dos seus filhos, considerando o tipo de mediação que fazem, como os orientam e que tipo de controle exercem sobre o uso?

Essas questões podem ser traduzidas nas inúmeras dificuldades que os pais têm apresentado para fazer a mediação de seus filhos no uso das TIC; no sentimento de impotência ou de ignorância que possuem frente às suas dificuldades, assim como os limites apresentados, muitas vezes, no conhecimento do manuseio das tecnologias; em como proteger seus filhos dos riscos presentes na internet; em como saber se os filhos fazem um uso correto e adequado das tecnologias e não estão vivendo uma situação de abuso ou vício.

### 3 | POR UMA RADIOGRAFIA DAS PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A partir das questões que se colocaram sobre as práticas de mediação, a pesquisa realizada nos apresentou dados que potencializam as reflexões sobre o tema. Os respondentes da pesquisa foram preponderantemente as mães (79,3%), casadas (73,6%), com idades entre 41 e 50 anos (48,9%), seguido de pessoas entre 51 e 60 anos (27%) e entre 31 e 40 anos (21,8%). Desse modo, temos um grupo majoritário de pais relativamente jovens, abaixo dos 50 anos. Mesmo que por faixa etária possam ser considerados imigrantes digitais, podemos supor que, para esses pais e mães, o contato com as tecnologias de informação e comunicação não seja um dificultador na relação com os filhos, se considerarmos que o nível de escolaridade desse grupo é alto, já que 28,2% possuem nível superior completo e 60,9% deles têm também pós-graduação, característica que aponta para pessoas em que é comum o uso constante e necessário das TIC.

Em se tratando de características socioeconômicas, entre os respondentes, apenas uma pequena parcela não trabalha, sendo que 9,8% não trabalha fora de casa e 7,5% não trabalha por estar desempregado. Pelo nível de escolaridade e a atividade profissional que exercem, se não todos, majoritariamente os respondentes pertencem às camadas média e média/alta. Além disso, são famílias que possuem vários aparelhos tecnológicos em casa, como celulares, computadores, *tablets*, consoles de jogo e *smart TV*. São pessoas que utilizam o celular ou outros aparelhos tecnológicos, principalmente, entre 3 e 4 horas diárias (32,8%) e entre 5 e 6 horas (25,3%).

Como esperado, 79,9% dos respondentes disseram que seus filhos têm celular, sendo em 58,6% dos casos o aparelho tecnológico mais utilizado por eles. Quando perguntados sobre o monitoramento do celular dos filhos, a maioria afirma fazê-lo (55,8%), sendo que destes apenas 2,4% acreditam ser uma atitude errada. Mesmo entre os que responderam que não fazem tal acompanhamento, há os que acham que a atitude é correta (29,3%). Sabemos que o *smartphone* hoje tem inúmeras utilidades, como a comunicação entre pessoas, acesso à internet, escuta de músicas, dentre outras. Ele é vivido por muitos, preponderantemente adolescentes e jovens, como uma extensão corporal e sua ausência é inimaginável. Por isso, acessar o celular de alguém é acessar seu mundo, sua intimidade. Dessa maneira, os pais, ao monitorarem o celular de seus filhos, podem ter um conhecimento significativo da vida deles, caminhando, muitas vezes, por uma linha tênue entre o cuidado e a invasão de privacidade, especialmente no caso de filhos adolescentes.

O *smartphone* é utilizado também pelos pais, com a função de se comunicarem com amigos (96%), trabalharem (88,5%), se entreterem (81%) e acompanharem os filhos (62,6%). Nota-se que os pais canalizam seus esforços e investimento em atividades voltadas para si mesmos, mesclando atividades laborais, entretenimento e relações sociais. Dado interessante por si só, mas que, se confrontado com o número de filhos e

a idade destes, revela uma tendência da família atual: a horizontalização das relações. 51,7% dos pais têm dois filhos; 34,5% possuem um e 12,1% têm três. Os filhos de 41,4% deles têm entre 13 e 16 anos, 38,5% acima de 16 anos, 32,8% entre 9 e 12 anos, 20,7% entre 5 e 8 anos, 15,5% entre 1 e 4 anos e somente 1,7% possuem filhos menores de um ano. Com famílias menores e filhos mais velhos, os pais dão maior autonomia aos filhos e se voltam mais para si, dado que reforça os resultados já encontrados em pesquisa anterior (STENGEL et al, 2020), que demonstra como a mediação parental para uso das TIC decresce com o aumento da idade do filho. O adolescente e o jovem já não constam como uma preocupação muito grande para os pais.

Apesar de usarem a tecnologia, 44,8% disseram não ter recebido instruções e orientações para isso. Ao informarem sobre a orientação e/ou ajuda para o uso da tecnologia, a partir das opções apresentadas na pesquisa, os respondentes, em sua maioria, afirmam que a aquisição de conhecimento se deu por conta própria, pois 42% aprenderam sozinhos, sendo autodidatas e 56,3% com a própria internet (sites informativos, vídeos no YouTube, etc.). Apenas 13,2% fizeram algum curso. Todavia, 27% aprenderam a utilizar algum tipo de recurso ou aparelho tecnológico com os filhos, o que reforça a constatação da socialização reversa quanto à utilização das tecnologias de comunicação e informação, na qual são os filhos quem socializa os pais, educando-os, ensinando-lhes e orientando-lhes no manejo das tecnologias. Podemos inferir que os filhos “se imbuem de uma autoridade para ensinar os pais sobre o uso das TIC e, a partir dessa posição, decidem o quê, como e quando ensinar, retendo propositadamente algumas informações.” (STENGEL et al, 2018, p. 433).

O isolamento/distanciamento social provocado pela pandemia do COVID-19, trouxe uma série de mudanças no nosso cotidiano. Uma dessas mudanças, como nos revelam os dados de nossa pesquisa, é o aumento do uso dos aparelhos tecnológicos pelos filhos COVID-19 com a anuência de 91,3% dos pais. Dentre esses, 31% dos respondentes afirmaram que o acréscimo de tempo foi de mais de cinco horas diárias, tempo bastante significativo, ainda mais considerando que 33,3% responderam que antes da pandemia seus filhos ficavam entre 3 e 4 horas conectados e 29,9% disseram que era entre 5 e 6 horas. Vale salientar que o tempo é uma das maiores preocupações que os pais possuem quanto ao uso das tecnologias por seus filhos (83,9%), além da possibilidade de conversar com estranhos (73,6%) e ver sites inadequados para sua idade (69,5%). Se a sociabilidade está restrita atualmente, uma saída encontrada tem sido o uso das tecnologias, o que torna o controle dos pais mais desafiador.

Outra mudança percebida nessa investigação diz respeito a alterações quanto às regras relacionadas ao tempo de uso das tecnologias pelos filhos, o que ocorreu entre 63,2% dos pais. A limitação da quantidade de tempo (63,9%) e do horário do dia para o uso das tecnologias (53,7%), foram amenizadas durante esse período. Apenas 8,3% não limitaram o conteúdo. Na maior parte dos casos, os pais limitam o horário ao longo do dia para a utilização das TIC em função de atividades escolares, que ficaram mais

intensificadas ou para dormir.

A permissão para maior uso dos aparelhos tecnológicos se deve principalmente por se tratar de uma forma de lazer para os filhos dentro de casa (67,5%), tendo em vista que a pandemia provocou o isolamento/distanciamento social, fazendo com que outras formas de contato social ficassem cerceadas e o cotidiano de todas as pessoas se resumisse a quase exclusivamente ao espaço doméstico.

Outra característica marcante nesse período de isolamento social foi a sobrecarga dos pais, que estão tendo que dividir as atividades domésticas e cuidado dos filhos, o que inclui o acompanhamento escolar, com seu tempo para o trabalho, já que muitos estão em *home office* (62,6% dos participantes). Por isso, o afrouxamento para o uso das TIC também se deveu a uma forma de entretenimento dos filhos enquanto os pais mais velhos estão trabalhando (35,6%) e ainda pela necessidade de um tempo de descanso próprio (12,5%).

Todas essas mudanças nos levaram à indagação sobre o tipo de mediação que os pais têm exercido sobre o uso da internet por seus filhos, ou seja, qual atitude têm tomado frente ao uso das TIC. Nos dados analisados na pesquisa surgiram como formas de mediação respostas como: converso e oriento sobre o conteúdo ou atividade, especialmente enquanto ele(s) ainda está(ão) utilizando a mídia (74,1%); estabeleço regras explícitas para sua utilização, como tempo, local de utilização, conteúdo (54,6%); fico perto quando ele(s) está(ão) conectado(s) na internet vendo o que faz(em) (28,2%); não acompanho, porque confio na educação dada ao(s) meu(s) filho(s) (17,8%). Nesses casos aqui apontados, a mediação vem se dando de forma ativa, revelando uma prática na qual a presença dos pais, ao conversarem, orientarem, estabelecerem regras e estarem por perto quando os filhos estão navegando na internet, exerce uma atividade de monitoramento, podendo desencadear um jogo tácito entre pais e filhos, no qual os pais procuram desvendar indícios de usos menos adequados. Contudo, mesmo que seja necessário assegurar o uso seguro da internet e manter a vigilância diante de potenciais riscos, é preciso atentar para essa prática, que não deve se tornar invasiva, equacionando-a ao direito à privacidade e ainda contemplar os estímulos na busca por explorar as potencialidades que os conteúdos disponibilizados na internet podem oportunizar aos jovens (DIAS, 2016).

Por outro lado, há ainda aqueles pais em menor número que não fazem nenhum tipo de mediação para o uso das ferramentas digitais. Esses afirmam que: não acompanham, porque têm conhecimento do que os filhos fazem na internet (16,7%); não acompanham, porque eles já são mais velhos (14,4%) e não acompanham, porque não têm conhecimento sobre o uso das tecnologias (0,6%). A falta de conhecimento técnico no uso das TIC pelos pais é um fator preponderante no monitoramento para o uso, dando aos filhos uma maior liberdade para poderem ocultar seu rastro nas redes sociais, por exemplo, dominando cada vez mais as habilidades de uso dessas ferramentas. Ainda quando não há um monitoramento por se tratarem de filhos mais velhos, revelando a confiança na educação dada aos jovens para esse tipo de prática.



A partir desse cenário podemos levantar alguns pontos: diante das circunstâncias na quais todos se encontram, o exercício da mediação tem se dado de forma diversa, utilizando às vezes mais de uma maneira, tendo em vista a idade dos filhos e as habilidades e necessidades de ambos (pais e filhos). No contexto atual da pandemia, em que os pais estão sobrecarregados, a ausência do tempo para acompanharem os filhos no momento da utilização das TIC faz com que eles apostem na educação dada e na ideia de que sabem o que os filhos fazem. Por outro lado, uma mediação restritiva aparece quando os filhos são menores. Nesse caso, as conversas contínuas, checagem de aparelhos e atividades realizadas na rede, monitoramento surpresa e até privações aparecem nos dados da pesquisa. Para os filhos mais velhos, os pais se retiram quase que completamente da cena tecnológica, deixando-os livres e responsáveis por seus comportamentos, o que nos leva a concluir que a mediação parental é um processo inversamente proporcional à idade dos filhos. Os pais apostam na criação que ofereceram, nas conversas e orientações dadas nas fases anteriores e na maturidade dos filhos para discernir o que é certo e errado (STENGEL et al, 2020). Entretanto, cabe perguntar: filhos adolescentes não devem ser acompanhados? Mesmo considerando que a autonomia na fase da adolescência é desejada e por isso, a mediação dos pais pode e deve sofrer algumas alterações, como ver o que eles estão fazendo ou ter a senha de seus celulares ou redes sociais, o papel de educador não perde lugar e continua sendo importante.

A pandemia também promoveu uma alteração nas atividades escolares, fazendo com que fosse adotado o ensino remoto pela grande maioria das escolas. Entre os respondentes quase todos os filhos estão nesse modelo (91,4%). Isso se deve ao fato de 82,8% dos filhos estudarem em escolas privadas, que adotaram majoritariamente esse tipo de ensino. Quanto ao tipo de acompanhamento das atividades escolares dos filhos, os pais afirmaram, em sua maioria, que que ajudam nas tarefas (60,3%) e no acompanhamento das aulas (42%), além de participarem de grupos de pais (46,6%) e conversarem com os professores (36,2%).

Cabe destacar aqui o desconhecimento por parte dos pais e filhos de plataformas de web conferências que vêm sendo utilizadas para a realização de aulas *on-line* síncronas durante a pandemia. A familiaridade em relação ao uso desses recursos se deu conjuntamente entre pais e filhos, não cabendo nesses casos a divisão entre nativos e imigrantes digitais feita pela bibliografia que analisa o processo de mediação das TIC. O uso dessas plataformas no contexto da pandemia converteu os dois grupos, pais e filhos, em nativos digitais. As narrativas desse momento indicam que a socialização de pais e filhos no que tange os usos de *streamings* aconteceu em meio a muitos conflitos. É importante considerar que o aprendizado do uso desses recursos não foi uma escolha da família e exigiu uma interação entre pais e filhos diante dos equipamentos, que, muitas vezes, passaram a ser compartilhados para o exercício das atividades escolares remotas e concomitantemente a atividades profissionais dos pais, que também estão em regime de

*home office.*

Considerando o cenário trazido pelo ensino remoto às famílias, será de grande importância investigar de forma mais aprofundada quais são ou serão os impactos no cotidiano escolar dos filhos do acompanhamento feito pelos pais, atitude que se dava com pouca frequência fora do contexto da pandemia. Nesse sentido, 27% dos pais estão vivendo a tarefa de acompanhamento das atividades escolares dos filhos durante a pandemia de forma diferenciada: ela se dá como estressante (21,3%) fácil (18,4%), difícil (18,4%), e ainda como indiferente (18,4%)

## **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da pesquisa, que se iniciou com questionamentos sobre as alterações dos tipos de mediação no contexto da pandemia e como os pais têm lidado com o uso das TIC, especialmente a internet, por parte dos seus filhos nesse momento de isolamento social outras questões foram sendo suscitadas frente a essa situação específica que estamos vivendo: haverá uma mudança efetiva do uso dos aparelhos tecnológicos pós-pandemia, ou seja, o tipo de uso que está sendo feito agora sofrerá alterações? Se os filhos estão podendo ficar mais tempo conectados com a permissão dos pais, como estes lidarão com isso depois? Quais repercussões psicossociais são acarretadas pelo uso constante das TIC no seio das relações intrafamiliares? A inversão na hierarquia familiar, na medida em que nativos digitais ensinam imigrantes digitais, compromete a relação parento-filial ou as potencializa? As transformações nas formas de interação e sociabilidade provocadas pelas TIC e potencializadas pela pandemia são vistas por pais e filhos de maneira positiva ou negativa?

Na investigação ficou evidente que novos contornos foram dados à mediação parental para uso das TIC com a pandemia do novo coronavírus. Há uma ambiguidade de sentimentos gerados pelo uso constante e até mesmo excessivo dos artefatos tecnológicos e o posicionamento dos pais quanto ao estabelecimento de limites para si e para os filhos fica afetado. Em suas repostas, ficam evidentes os benefícios variados advindos do uso das TIC. A versatilidade de usos e equipamentos atendem aos mais variados gostos e estilos de vida. Facilidade de acesso a conteúdos de interesse, otimização de tarefas, aproximação e estreitamento de laços com pessoas queridas distantes, e facilidade de comunicação com amigos e familiares são os benefícios mais destacados. Se as vantagens de uso são variadas e customizadas, as desvantagens já possuem afinidades, pois giram majoritariamente em torno da superficialidade e frieza das relações, o excesso de informações que gera ansiedade e impaciência, a perda de tempo com coisas inúteis, excesso de contato com aparelhos que tomam muito tempo, afastamento social, dependência e falta de foco. Algo que revela uma falta proveniente de uma necessidade prática e/ou psicológica, potencializada no contexto da COVID-19.

Hiperconexão que, como ressalta Melgaço (2017), serve como substituto para o desamparo e vazio que é vivenciado por pais e filhos (STENGEL et al, 2020). Nesse cenário em que ambos os grupos são igualmente afetados pelos efeitos adversos do uso cotidiano e excessivo das TIC, embora cada um os viva de maneira diferente, fica uma pergunta: como os pais, que deveriam mediar o uso das TIC dos filhos, vão conseguir exercer essa tarefa visto que estão sendo afetados da mesma maneira? Dito de outra forma: se pais e filhos possuem experiências físicas e psíquicas muito próximas, mesmo que os usos e experiências práticas sejam diferentes, e se estas experiências são novas e ambíguas para os pais, como estes poderão mediar e orientar seus filhos? Se ambos estão sendo inundados pelo tsunami digital, como um grupo poderá ajudar o outro? Poderíamos dizer que em relação ao uso das TIC e todas as novidades que elas comportam, pais e filhos ficariam em um mesmo nível de experiência e ambos deveriam se ajudar para encontrar saídas mais saudáveis e construtivas? A hierarquia tradicional entre pais e filhos no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem em que os primeiros deveriam ensinar aos segundos cai por terra com o uso das TIC? Ao que tudo indica, a saturação da presença das TIC nos ambientes familiares tem provocado distinções na forma como pais e filhos se veem e se relacionam. Em épocas de hierarquias planas e de interpretação da mediação e representação “como não transparência e ineficiência, como congestionamento do tempo e de informação” (HAN, 2018, p. 35), cada sujeito navega sozinho, entre muitos, no oceano digital.

O exercício da mediação parental para uso das TIC é um campo em construção no interior das famílias. Ainda não existe um modo certo e único para realizá-la e situações inusitadas como a pandemia da COVID-19 ampliam ainda mais os desafios tanto para os pais quanto para os filhos, pois o pouco que já tinha sido construído como prática tem se modificado com a situação atual. Resta, portanto, a patente necessidade de realizar pesquisas nesse campo para ampliar o conhecimento sobre o tema e servir como suporte de orientação para pais, filhos e profissionais da área.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social**. Brasília: MDS/SNAS, 2004.

DIAS, V. C. **Morando na rede**: novos modos de constituição de adolescentes nas redes sociais. Curitiba: Editora CRV. 2016.

FERNÁNDEZ, Beatriz Feijoo; GONZÁLEZ, Aurora García. El entorno del niño en la cultura digital desde la perspectiva intergeneracional. **Aposta**, n. 72, 2017.

HAN, B. C. **No enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

CGI.BR. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids online Brasil 2017** [livro eletrônico]. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018.

MAIDEL, Simone; VIEIRA, Mauro Luis. Mediação parental do uso da internet pelas crianças. **Psicologia em Revista**, v. 21, n. 2, p. 293-313, 2015.

MELGAÇO, P. Cérebro eletrônico faz quase tudo? Sobre a hiperconexão e o desamparo. In: MELGAÇO, P. et al. (Orgs). **Como a tecnologia muda o meu mundo: imagens da juventude na era digital**. Curitiba: Appris, 2017, p. 65-78.

PASSARELLI, Brasilina et al. Atores em rede: subjetividades e desejos em expansão. **Logos**, v. 16, n. 1, p. 60-71, 2009.

PETRINI, G. e CAVALCANTI, T. N. Notas para um olhar mais adequado à família e ao adolescente: buscando caminhos para crescer. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). **Adolescentes & Adolescências: família, escola e sociedade**. Curitiba: CRV, 2018, p. 189-205.

PONTE, Cristina. Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 65, p. 31-50, 2011.

PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. **On the Horizon**, 9 (5), 2001.

PRIMO, Alex Teixeira et al. Conversações fluidas na cibercultura. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 24, n. 1, 2017.

SPIZZIRRI, Rosane Cristina Pereira et al. Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 69, 2017.

STENGEL, Márcia. Discursos de pais e mães sobre a amizade em famílias com filhos adolescentes. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 21, n. 49, p. 217-225, 2011.

STENGEL, M. et al. Cultura Digital e mediação parental: um desafio na relação entre pais e filhos. In: MACEDO, R. M. S e KUBLIKOWSKI, I. (Orgs.). **Família e comunidade: pesquisas e intervenções em temas emergentes**. Curitiba: CRV. – Coedição: São Paulo, EDUC, 2020, p. 165-184.

STENGEL, Márcia et al. Geração, família e juventude na era virtual. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 2, p. 424-441, 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### B

Brincar 7, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104

### C

Campo 7, 4, 6, 11, 20, 21, 46, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 65, 66, 72, 73, 75, 76, 77, 85, 95, 105, 106, 109, 111, 117, 122, 129, 135, 137, 138, 140, 142, 143, 158, 171, 187

Cidadania 8, 3, 20, 21, 24, 66, 101, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156

Ciências 2, 5, 6, 1, 13, 24, 27, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 105, 119, 128, 170

Comunicação 7, 21, 33, 34, 38, 41, 50, 51, 95, 96, 100, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 128, 158, 163, 170, 185

Consciência 6, 2, 3, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 35, 41, 43, 92, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103

Consciencialismo 6, 18, 19, 24, 25, 26

Consultoria 8, 157, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170

Covid-19 7, 8, 44, 45, 50, 53, 105, 106, 107, 108, 110, 113, 116, 117, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 155

Crise Sanitária 146, 147, 149

### D

Democracia 7, 2, 92, 93, 94, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 136, 150

Design de moda 157, 160, 169

Diversidad Cultural 7, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91

### E

Educação 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 41, 42, 43, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 92, 98, 99, 100, 103, 104, 108, 111, 114, 115, 119, 120, 121, 126, 127, 128, 152, 158, 159, 160, 187

Educação Ambiental 6, 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11

Educação Cidadã 92

Educação Integral 6, 18, 19, 20, 22, 23, 26, 27, 28, 29

Educación Intercultural 7, 81, 82, 83, 88, 89, 90, 91

Ensino de ciências 6, 31, 39, 56, 57, 58, 63, 64

Escola Ribeirinha 56, 58, 59

## **F**

Família 21, 22, 50, 51, 98, 99, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 113, 115, 118

Formação de licenciandos 32

## **G**

Gestão democrática 6, 6, 13, 15, 16, 65, 66

Gestão pública educacional 13

## **I**

Infância 7, 23, 57, 92, 93, 94, 97, 99, 100, 102

Informação 8, 41, 51, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 161, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 182, 183, 184, 185, 186

## **J**

Jogar 7, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104

## **M**

Mediação 95, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

## **P**

Pais 7, 50, 51, 52, 72, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

Plano de educação 16

Políticas Públicas 6, 1, 3, 4, 5, 9, 11, 16, 44, 53, 54, 75, 108, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155

Práticas Pedagógicas 7, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

Prática Interdisciplinar 157, 169

Precarização 6, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55

Prisão 129

Privado de libertad 129

## **R**

Registro Civil 8, 146, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156

Reprodução 39, 96, 129, 160

## **S**

Startups 171, 177, 180

Sujeito 22, 23, 24, 34, 38, 63, 94, 95, 97, 98, 99, 117, 129

Sustentabilidade 1, 2, 3, 4, 5, 11

## T

Tecnologia Digital 31, 38, 39, 40

Tecnologia Educacional 7, 119, 123, 125, 126, 128

Tecnologias 6, 31, 36, 38, 39, 45, 51, 52, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 125, 128, 175, 179

Tomada de decisão 109, 171, 172, 173, 174, 178, 181, 182, 183, 184, 185

Trabalho 6, 1, 2, 5, 7, 8, 13, 20, 23, 28, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 65, 66, 72, 109, 110, 114, 119, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 152, 172, 174, 183

Transdisciplinaridade 18, 23, 24, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 159

# AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 


 **Atena**  
Editora


Ano 2021



# AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 